



Fonte: Tarsila do Amaral - Abaporu - 1928.

Literatura

Modernismo

O embrião do modernismo

No início do século XX, diversas ideias diferentes surgiram como forma de romper com o tradicionalismo artístico que estava em vigor no Ocidente durante o século XIX. Essas ideias, surgidas no continente europeu sob diversas influências, ficaram conhecidas como vanguardas europeias.

A vontade de alguns artistas de romper com o tradicionalismo era tão radical que o termo **vanguarda** é originário da expressão francesa *avant-garde*, cujo significado é algo como “parte frontal do exército” e “batalhão do fronte”. Em outras palavras, os vanguardistas (como eram conhecidos os adeptos dessas correntes) viam os movimentos como uma batalha contra o tradicionalismo, tal era a necessidade de mudança que eles sentiam.

Desses movimentos, é possível apontar cinco que se fizeram mais visíveis.

MOVIMENTO:	EXPRESSIONISMO	CUBISMO	FUTURISMO	DADAÍSMO	SURREALISMO
País/Ano aprox.	Alemanha, 1905	França, 1907	Itália, 1909	Suíça, 1916	França, 1924
Principal objetivo ou característica	<i>Expressão dos sentimentos (subjetivismo) Acontecimentos sociais Dramaticidade (dynamismo, autenticidade, cores intensas)</i>	<i>Abandono da ilusão de profundidade (tridimensionalidade) Fragmentação das formas Inspiração nas máscaras africanas (Picasso)</i>	<i>Rejeitavam a arte do passado (passadismo) e valorizavam a velocidade, o dinamismo da modernidade (movimento)</i>	<i>Pregavam a antiarte, evidenciavam a inversão de valores sociais. Apresenta um desafio a arte tradicional e clássica defendendo que a obra em si não importa e sim o seu conceito.</i>	<i>Mundo dos sonhos (onírico) Representação do subconsciente Estudos baseados na psicanálise (Freud) Irracionalidade Absurdo</i>

Ao surgir em determinada região, rapidamente as ideias dos movimentos eram propagadas entre os artistas e, por meio do intercâmbio cultural, chegavam a outros países, influenciando cada vez mais pessoas.

Foi esse movimento, inclusive, que as trouxe ao Brasil, pois os brasileiros que tiveram contato com essas correntes retornavam ao país trazendo novas ideias em suas bagagens. Aqui, a “batalha” também começava a tomar lugar.

Aliás, o século XIX foi bem efervescente para o Brasil: a família real portuguesa se instala no Rio de Janeiro, o Brasil vira reino, ocorre a Independência, a instauração da República, diversos conflitos internos causados por diversos interesses, etc. Tudo isso se refletia na política, na economia, na arte nacionais de formas bem específicas, a cada momento sendo influenciado por correntes artísticas que também vinham da Europa, como o romantismo e o realismo.

No entanto, as manifestações brasileiras ainda eram muito europeias, pois, além de influenciadas pela Europa, trabalhavam temas relativos ao continente europeu, às vezes até ignorando o que era, de fato, brasileiro. Com vontade de mudar esse cenário, de forma semelhante como ocorreu no Velho Mundo com as vanguardas, artistas brasileiros quiseram, cada vez mais, criar manifestações que fossem tipicamente nacionais.

A Semana de Arte Moderna de 1922

Durante os primeiros anos do século XX, o Brasil viveu marcos importantes para o que viria a ser o modernismo. Por volta de 1922, o poeta Oswald de Andrade entra em contato com o futurismo e se maravilha. Ele retorna ao Brasil influenciado por esse movimento e compartilha as ideias no seu meio cultural. Em 1914, a pintora Anita Malfatti retorna ao país trazendo influências do pós-impressionismo e, da sua forma, compartilha as ideias entre seus colegas artistas. Já em 1917, Malfatti expõe algumas obras e choca artistas renomados da época, como Monteiro Lobato, que publica um texto chamado “Paranoia ou mistificação?”, criticando fortemente a pintora e suas obras. A partir daí, diversos artistas começam a olhar para as suas obras com outros olhos, focando agora mais no próprio território e nas próprias experiências do que naquilo que vinha de fora; ao mesmo passo, diversos outros artistas começam a negar e a criticar essas criações.

Em 1922, em São Paulo, todas essas ideias finalmente entram em ebulição. No Theatro Municipal, as turbulências políticas, econômicas, sociais, entre outras, foram transformadas em poema, esculturas, pinturas, músicas e algumas outras linguagens. Em diversas apresentações, cada linguagem foi explorada por novos caminhos, deixando para trás o tradicionalismo artístico e trazendo o novo. Estava instaurada a Semana de Arte Moderna.



Fonte: Escola Digital

Como já se percebia, vários artistas foram opositores à Semana. O texto de Lobato acabou virando um ícone da oposição, e as ideias do autor foram abraçadas por diversos apoiadores das manifestações clássicas. Também o público não gostou muito do que via. A modernidade dos quadros, por exemplo, fazia os visitantes se questionarem se eles estavam expostos da forma correta ou se estavam de cabeça para baixo. Os poemas foram declamados em meio a vaias e gritos. A Semana foi intensa. Não teria acontecido, por fim, se não fosse patrocinada pela oligarquia paulista. Essa elite tinha interesse em transformar São Paulo em grande produtor cultural para competir com aquilo produzido no Rio de Janeiro, que tinha, justamente, manifestações mais clássicas.

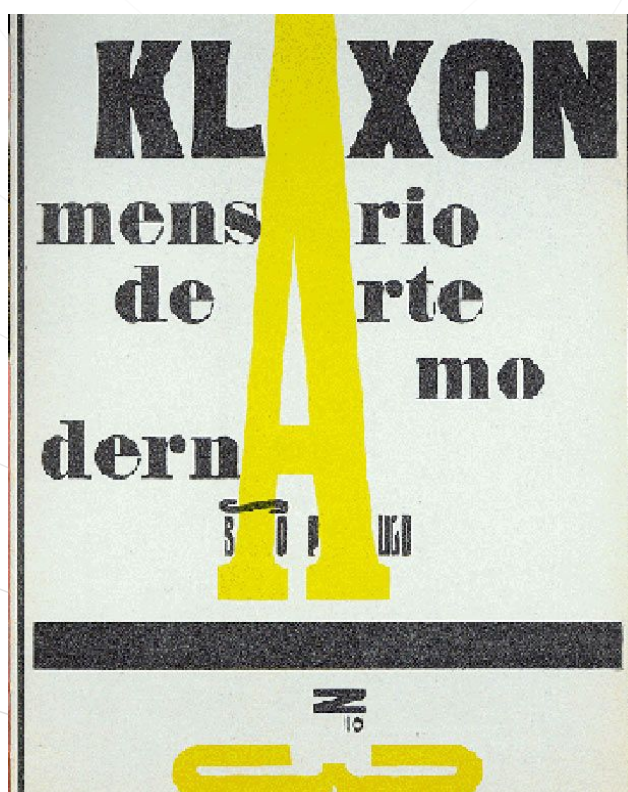
Primeira fase modernista (1922-1930)

Neste momento, algumas obras viraram referências. Durante a Semana, o poeta Mario de Andrade declama o poema “Ode ao burguês”. De caráter altamente crítico e ácido, o texto foi apresentado em meio a gritos e vaias, pois, além de apontar como vazio o estilo de vida materialista cultivado pelas elites, ele apontava exatamente para as oligarquias paulistas, aquelas que, inclusive, financiaram a Semana de 1922. Observe a um trecho a seguir.

*“Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampeões!
os condes Joões!
os duques zurros!”*

No decorrer do poema, a palavra **burguês** é utilizada como xingamento, pronunciada por um eu lírico extasiado, sentimento esse marcado pelas exclamativas (como visto no exemplo anterior). O ódio apresentado no poema representa de certa forma, também, a ideia do que era o cerne da Semana: o choque. A novidade deve ser chocante, violenta e disruptiva, assim como o modernismo pretende ser.

Muitas das ideias modernistas, como essa violência caótica simbolizando o novo, foi apresentada ao público por meio de revistas, como a Klaxon.



Fonte: Wikipédia

Já a própria concepção imagética da revista demonstra a quebra com o antigo, como se pode perceber na posição das palavras, negando o ideal parnasiano de métrica, por exemplo. Revistas como essa circularam pelo meio modernista durante diversos anos, o que começa a espalhar ainda mais a ideia do modernismo, como visto pela revista Manifesto Regionalista, de 1926, surgida em Recife.

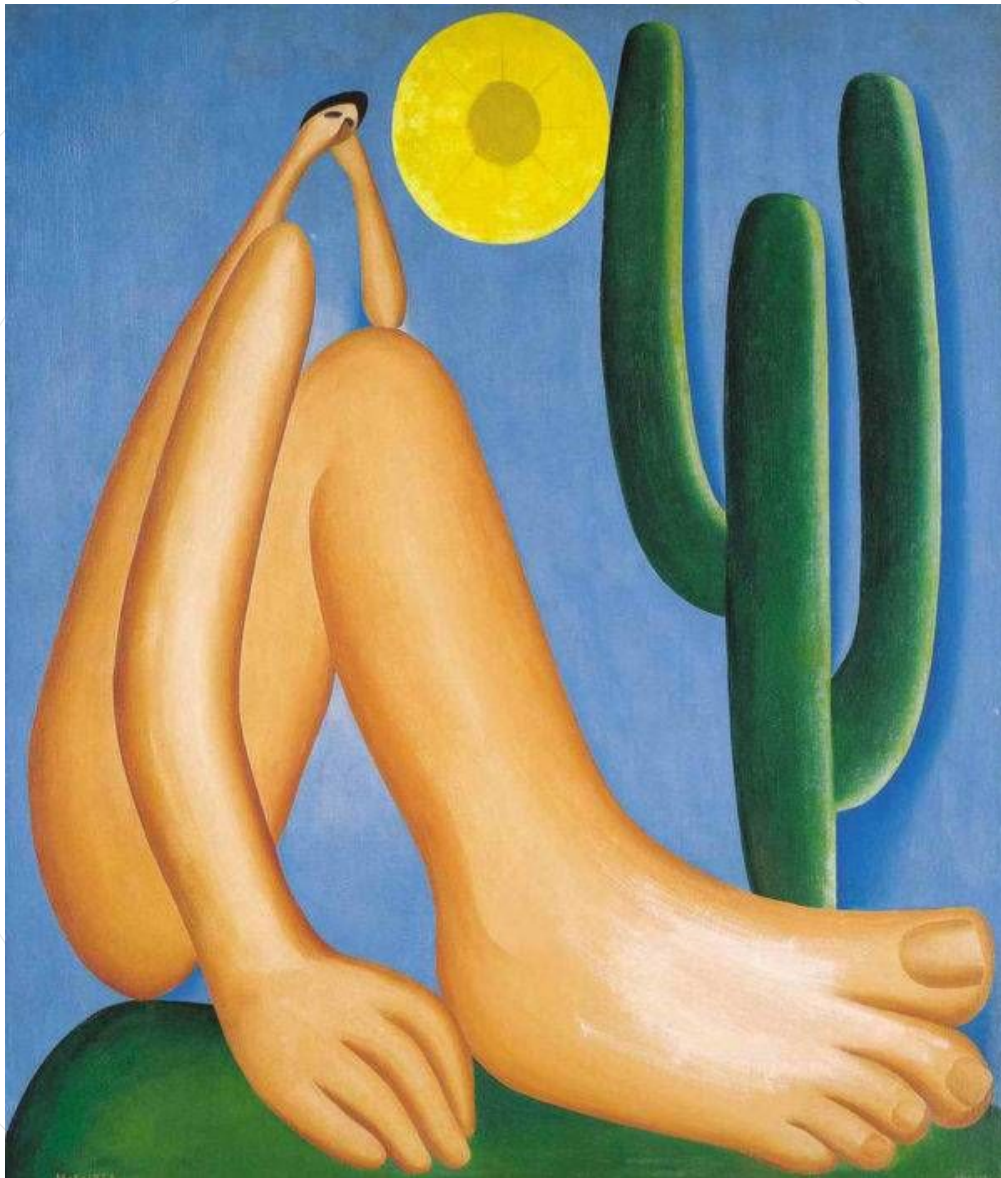
Nas artes plásticas, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti eram duas pintoras que também representavam os ideais modernistas. Observe, a seguir, a obra “A estudante” (1915-1916), de Malfatti.



“A estudante” (1915-1916), de Malfatti.

As cores, os traços, a feição... tudo ignora o que, até então, era tido como belo e perfeito. A deformidade proposital na tela causou, inclusive, desconforto no público paulista. A tela foi uma das responsáveis pela crítica feroz de Lobato em “Paranoia ou mistificação?”.

Tarsila do Amaral também distorce a realidade quando olha para dentro do Brasil. A tela se chama “Abaporu”, que significa algo como “homem que come gente” em tupi. De certa forma, a tela representa a primeira parte do modernismo brasileiro, ao ilustrar a ideia de deglutir a arte exterior para criá-la essencialmente brasileira. Apesar de não ter sido apresentado na Semana, pois foi pintado anos depois, a tela acabou virando um marco da arte brasileira.



“Abaporu” (1928), de Tarsila do Amaral,.

Atualmente, tanto a estética quanto os ideais da primeira geração modernista podem ser vistos em algumas manifestações artísticas nacionais. Você consegue identificar alguma?